

Dossier Guy Debord

Apresentação

O presente dossiê sobre o filósofo francês Guy Debord (1931-1994) retoma as exposições do colóquio realizado pelo Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio nos dias 16 e 18 de outubro de 2017, com o título “50 anos de ‘A Sociedade do Espetáculo’: entre arte e crítica”, cujo ensejo foi o cinquentenário de sua grande obra, *A sociedade do espetáculo*, de 1967 (Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997, tradução de Estela dos Santos Abreu). A Revista Alceu tem o prazer de apresentar a seus leitores e colaboradores os artigos dos professores doutores Gustavo Celedón (Universidade de Valparaíso, Chile), Julio Bezerra (UFRJ) e Patrícia Machado (PUC-Rio). Seus títulos são, respectivamente: “*Sonido, rumor e imagen espectacular*”, em espanhol, “Guy Debord e o que pode o cinema: experimentação, documentário e clichê” e finalmente “A retomada de imagens de arquivo: de Debord ao cinema brasileiro contemporâneo”.

Ainda nos anos 1950, Debord participou da Internacional Letrista, movimento de vanguarda cinematográfica que explorava as relações entre o áudio e o visual. Participante do grupo “Socialismo ou barbárie” (com Claude Lefort e Cornelius Castoriadis) foi uma das vozes críticas à intervenção francesa na Argélia. Em 1957 redige o “Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições da organização e da ação da tendência situacionista internacional”, tido como documento fundador da Internacional Situacionista. Entre esse ano e 1969 veiculou-se a revista da Internacional Situacionista, com colaboradores como Raoul Vaneigem, autor de “Tratado de saber viver para o uso das novas gerações” (1967). “Sociedade do Espetáculo” é do mesmo ano. Debord parte da tradição marxista e hegeliana, por um viés em princípio lukácsiano, já que aborda a reificação da consciência. Todavia, sua decisiva contribuição atualiza tal legado. A forma mercadoria por excelência é a imagem, núcleo de compreensão do organismo social (ou “mônoda”, se se quiser). Toda a esfera da vida se vê mediada pela mercadoria, agora presente sob a forma de “espetáculo”. O trabalhador se perde em seu trabalho mas também em seu consumo e lazer. Chega-se ao ponto de se afirmar que o espetáculo é a relação interpessoal mediada

por imagens, cuja produção hegemônica é ditada pela sociedade de consumo que se toma como objeto único – reduto do “homem unidimensional”, para retomar outro termo, marcuseano, da época.

O trabalho de Celedón esmiúça os mecanismos de funcionamento do espetáculo, responsável pela identificação entre sujeito e mercadoria. Em um segundo momento, a investigação de Bezerra explora a formação histórica do pensamento de Debord, explicando seu desejo de implosão do cinema tal como o conhecemos. Por fim, a reflexão de Machado aposta nas estratégias cinematográficas propostas por Debord como maneira de minar o espetáculo em seu próprio terreno.

Para além da “efeméride”, tão cara aos veículos de comunicação, é questão de se dar o tempo para um ritmo outro, distinto do frenesi do sempre novo e de sua implacável lógica que atribui indistintamente qualidades ao mais recente fenômeno. Um pouco como se o “posterior” fosse forçosamente “superior”. Muito pelo contrário, o que as finas análises debordianas trazem à baila é a estagnação experimentada no seio do turbilhão de informações que nos cercam cotidianamente, não nos tiram do lugar e apenas confirmam, sob outras vestes, a espoliação vigente. Não há surpresa nos programas ao vivo, por exemplo. Sua vida particular desesperada não é espelho para sua construção teórica. Ou seja, a lucidez do diagnóstico não esbarra em impossibilidades de ação coletiva (ou “estratégia”, termo que lhe era caro) ou até mesmo em postura ética. Ou seja, a esfera da razão prática é também coberta pelo campo teórico desenvolvido por Debord. Aliás, este foi um tema abordado por todos os textos, a saber, o papel da arte na vida (a bem da verdade, de todo bem simbólico na vida, ora reificada ora inventiva). A declarada herança surrealista se conjuga com a ideia revolucionária de mudar a realidade a partir de seus próprios materiais – uma das fontes das ocupações de maio de 1968. Ao se historicizar tal postulado se chega à conclusão de que os enredos arqui-conhecidos da televisão e do cinema, bem como suas narrativas lineares apoiadas em formas e linguagens que confirmam as expectativas, podem ser desvirtuados e dar a ver outra experiência. Em suma, que se exorcize a banalização do termo “sociedade do espetáculo”, cuja inflação torna, ou tende a tornar, denúncia e compreensão teóricas inócuas. Há que se buscar o tempo do conceito, o avesso do ego que tudo esquadrinha em propriedades. A apropriação situacionista aponta para montagens inauditas, doando sentido à imagem tida por mero procedimento técnico e como célula mínima do capitalismo contemporâneo. Boa leitura.

Gustavo Chataignier

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Editor-adjunto da Revista Alceu